

UM ESTUDO SÔBRE A MELHOR MANEIRA DE INTEGRAR A ENFERMAGEM DE SAÚDE PÚBLICA NOS OUTROS CURSOS DE UMA ESCOLA DE SAÚDE PÚBLICA *

MARIA SILVANA TEIXEIRA **

INTRODUÇÃO

O conceito atual de saúde pública, conforme a definição geralmente aceita de C. E. A. Winslow, mostra claramente que ela abrange um campo bastante variado de atividades. Muitos profissionais habituados a trabalhar isoladamente, cada um em seu setor, como médicos, engenheiros, enfermeiras, educadores, nutricionistas, antropólogos, estatísticos, etc., estão chegando à compreensão de que existe um objetivo comum aos seus esforços, isto é, a restauração, proteção e promoção da saúde da comunidade, de modo que “cada cidadão possa alcançar seu direito natural de saúde e longevidade”.¹

Entretanto, não sendo desejável que a individualidade profissional desses trabalhadores se diluísse e desaparecesse no todo, alguma coisa precisava ser feita para que eles aprendessem a trabalhar em equipe — cada um trazendo a sua contribuição para o esclarecimento dos problemas de saúde pública. Esse conceito de “equipe” já se tornou um princípio estabelecido, e acreditamos que é pôsto em prática com maior ou menor intensidade em tôdas as instituições dos Estados Unidos. Já não há mais dúvidas sôbre o fato de que as dificuldades diminuem quando os problemas são partilhados e de que, o objetivo sendo um, o trabalho deve ser feito em conjunto.

Mas há um aspecto desta situação total que é básico relativamente ao objetivo deste estudo. Em que extensão o preparo desses profissionais deveria visar ao desenvolvimento da melhor compreensão desse “espírito de equipe”, em que extensão está a enfermeira integrada na equipe e, ainda, como se consegue essa integração?

O problema específico que tínhamos em mente ao realizar este estudo era a introdução da enfermeira de saúde pública nos Cursos da Faculdade

Entregue para publicação em 7-4-1959.

* Estudo apresentado para obtenção do grau de “Master” em Saúde Pública na Universidade de Minnesota, E. U. A. Maio de 1957.

** Assistente da Cadeira de Técnica de Saúde Pública (Prof. Rodolfo dos Santos Mascarenhas) da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

de Higiene e Saúde Pública de São Paulo. Tratava-se de resolver o seguinte: "Como integrar a enfermagem de saúde pública nos outros Cursos de uma escola de saúde pública?"

Para explicar por que este problema foi escolhido para estudo é necessário dar uma idéia, num esboço rápido, da situação da enfermagem no Brasil.

Esta é uma profissão relativamente nova em nosso País. Em 1890 um grupo de psiquiatras interessou o Governo Federal na criação de uma Escola, que só pôde atingir um padrão bem modesto, num Hospital de Doenças Mentais.

Durante a primeira grande guerra a Cruz Vermelha preparou algumas auxiliares de Enfermagem no Rio de Janeiro, e limitou-se a isso todo o esforço organizado nessa direção, até o início da terceira década deste século. Em 1921 o Departamento Nacional de Saúde foi reorganizado pelo conhecido cientista Carlos Chagas — que estava familiarizado com o trabalho da enfermeira de saúde pública na América do Norte. Por sua iniciativa, a Escola de Enfermagem Ana Nery, primeira do tipo Nightingale no Brasil, foi fundada em 1923 com o auxílio de um grupo de enfermeiras americanas, sendo Clara Louise Kieninger sua primeira diretora. É interessante mencionar que um dos objetivos dessa escola foi o de preparar enfermeiras de saúde pública, apesar de o padrão de nossa enfermagem hospitalar ser ainda muito baixo, porque pessoal treinado se fazia necessário para auxiliar no controle da epidemia de febre amarela, tuberculose e alguns outros problemas de emergência.²

Por muitos anos a Escola Ana Nery foi a única do País. Foi quase vinte anos depois que a primeira escola de enfermagem foi criada em São Paulo.

Padrões culturais e sociais contribuíram para a difícil aceitação da enfermagem como profissão — além do fato de "enfermeira" ter sido, durante muitos anos, sinônimo de pessoa de "classe social inferior" — por causa do tipo de pessoal que tínhamos trabalhando nos hospitais. Não havendo escolas de enfermagem — o único auxílio que as religiosas podiam conseguir nos hospitais era o de atendentes leigas recrutadas entre os mais necessitados, muitas vezes ex-pacientes que não tinham uma família e um lar que as recebessem.

Mas, como acontece em países novos, a industrialização, trazendo o desenvolvimento econômico e a urbanização, causou rápidas mudanças sociais, que facilitaram o desenvolvimento da enfermagem como profissão. Para citar apenas algumas dessas mudanças, podemos lembrar a situação da mulher em relação ao homem: ela deixou de permanecer no seu posto de dona de casa para começar a competir com ele em quase todos os campos; o voto feminino foi estabelecido no início da quarta década deste século; o número de mulheres nas escolas secundárias cresceu e elas começaram a ser recebidas em todas as faculdades: medicina, direito, engenharia, filosofia.

Como resultado, mais candidatas com preparo básico adequado podiam ser encontradas para fazer o curso de enfermagem, do que quando a Escola Ana Nery foi fundada.

Mas, mesmo assim, o primeiro grupo de alunas da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, criada em 1942, foi gratificado com o espanto de seus amigos e parentes, que sabiam serem tôdas professoras primárias. Êles não podiam de maneira alguma compreender por que, pertencendo já a uma profissão tão própria e bem aceita, haviam de desejar tornarem-se “enfermeiras”. Essa impressão foi mais facilmente vencida, entretanto, do que a atitude dos médicos e estudantes de medicina no hospital, que não podiam crer que môças de bom “padrão social”, de “boas famílias”, como êles diziam, se dispusessem a fazer “aquêlo tipo de trabalho”.

Entretanto, à medida que aquêlo primeiro grupo de estudantes progrediu em conhecimento, habilidade e experiência, os médicos começaram a dar valor ao novo tipo de auxílio que estavam tendo em seu trabalho — vendo que redundava em benefício do paciente. Puderam também apreciar a ética envolvida no comportamento de suas novas “colaboradoras” e assim começaram a mudar sua atitude, passando a contribuir grandemente para a aceitação geral da profissão de enfermeira. Não houve nenhuma dificuldade para o recrutamento de grande número de candidatas para o segundo grupo da Escola de Enfermagem de São Paulo, o mesmo se dando nos anos subseqüentes. Numa Escola de Medicina particular em São Paulo, uma Escola de Enfermagem já estava em funcionamento no ano em que começou a funcionar a da Universidade de São Paulo, outras estavam iniciando seus trabalhos no mesmo ano em três Estados da Federação.

Em 1947 as enfermeiras se organizaram com o nome de Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas, realizando em São Paulo o seu primeiro Congresso. Em 1953 essa Associação pôde convidar o “International Council of Nursing” (Conselho Internacional de Enfermagem) para se reunir no Brasil. Naquele tempo tínhamos 25 Escolas reconhecidas em 11 Estados, sendo 7 integradas em Universidades; 3.150 enfermeiras diplomadas, das quais apenas 2.500 estavam exercendo a profissão em hospitais, saúde pública e ensino. Tínhamos também 30 escolas de auxiliares de enfermagem.

Atualmente, uma comissão sob os auspícios da Organização Mundial de Saúde está fazendo o levantamento dos recursos e necessidades da enfermagem no País e já apresentou o número de escolas de enfermagem elevado para 34 e o de escolas de auxiliares para 44. Sendo um País tão grande, ainda maior do que os Estados Unidos, com uma população de cêrca de 60 milhões de habitantes, grandemente concentrada ao longo da costa, é evidente a necessidade que temos de pessoal de todos os níveis para o desenvolvimento dos programas de saúde pública — se bem que a necessidade de enfermeiras seja ainda mais premente. Como era de se esperar no início do desenvolvimento da profissão, os primeiros grupos de enfermeiras que

se diplomaram precisaram assumir desde logo, todo o tipo de funções administrativas, incluindo supervisão e ensino, tanto em hospitais como nas escolas e no campo da Saúde Pública.

A Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, assim como as outras escolas ligadas a Universidade procuraram, desde o início, integrar Saúde Pública em todo o currículo e dar às alunas um estágio de 12 semanas no Centro de Saúde da Faculdade de Higiene. De seis anos para cá êsse período de treinamento tem sido dividido em oito semanas de experiência urbana em São Paulo e quatro semanas de experiência rural no Centro de Saúde de Araraquara, que sempre esteve sob supervisão da Faculdade de Higiene. Outras Escolas do Estado de São Paulo e mesmo de outros Estados, que não têm campo para treinamento em Saúde Pública, têm usado o Centro de Saúde da Faculdade de Higiene para êsse fim. Assim sendo, ao se diplomarem, as enfermeiras estão habilitadas a trabalhar tanto em hospitais como na Saúde Pública — sob supervisão. Mas o que acontece é que, em vez disso, elas têm se encaminhado diretamente para posições de administração, supervisão e ensino.

O Govêrno dos Estados Unidos e várias fundações, no programa de intercâmbio cultural, têm oferecido oportunidades a representantes dêsse grupos pioneiros — para irem àquele país ou ao Canadá a fim de, com estudos pós-graduados, se prepararem para aquelas posições. Certamente êsse pequeno número é como uma gôta d'água no oceano.

Ê êsse o motivo pelo qual há já alguns anos os líderes no campo da Saúde Pública em São Paulo têm sentido a necessidade de um curso de especialização para enfermeiras de Saúde Pública em nossa Faculdade de Higiene, a fim de prepará-las para posições de administração, supervisão e ensino. Assim deixaremos de depender exclusivamente de bolsas de estudo no estrangeiro para a formação dêsse pessoal. Muitas vantagens adviriam dessa medida, além de representar ela uma evolução natural de nosso programa. Preparação num país estrangeiro tem vantagens e desvantagens, como concluiu a comissão que estudou êsse assunto. Algumas das últimas são:

1. A experiência é obtida numa situação diferente e, muitas vêzes o estudante, ao regressar, sente-se frustrado por não ver possibilidades de aplicar o que aprendeu.
2. Existe a dificuldade da língua, que sempre se faz sentir, além dos problemas de ajustamento que, não raro, impedem qualquer possibilidade de sucesso para estudante estrangeiro.
3. É excessivamente dispendioso e apenas um grupo muito pequeno poderia ser preparado dessa maneira.

Confirmando-se cada vez mais a existência de tais inconvenientes, o saudoso Prof. G. H. de Paula Souza, em fins de 1950, quando diretor da

Faculdade de Higiene de São Paulo, discutiu o assunto com o Dr. Eugene Campbell, do Instituto de Assuntos Inter-Americanos no Rio de Janeiro e com o Dr. Ernani Braga, do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), os quais se prontificaram a auxiliar nesse projeto da seguinte maneira:

- a) Treinamento de pessoal;
- b) Preparação de um programa;
- c) Recursos para treinamento de campo com supervisão;
- d) Uma consultora em enfermagem de Saúde Pública.

Com o auxílio e a orientação de Miss Frances Frazier, Professor Adjunto do "Teacher's College" da Universidade de Columbia em Nova Iorque, foi feita em agosto de 1953 uma pesquisa dos nossos problemas e necessidades, na base da qual foi planejado um programa de um ano para especialização de enfermeiras em Saúde Pública. Em 1959, pois, pela primeira vez, enfermeiras de Saúde Pública com pelo menos um ano de experiência serão incluídas no corpo discente da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

Naturalmente, se compararmos esta situação com a das candidatas ao "Master" em Saúde Pública das Universidades Norte-Americanas, nossas enfermeiras, sem o grau de bacharel, não seriam consideradas de nível pós-graduado. Mas a Escola de Enfermagem de São Paulo e outras do mesmo nível, onde pretendemos recrutar nossas candidatas, dão cursos de nível universitário. E as graduadas do curso em aprêço irão ocupar as mesmas posições das enfermeiras com M. P. H. (Master in Public Health).

Assim, o *objetivo geral* deste estudo é saber "como a enfermagem é integrada nas atividades dos outros profissionais da equipe de Saúde Pública nas Escolas de Saúde Pública dos Estados Unidos?"

Os *objetivos específicos* visados no questionário enviado a tôdas as escolas de Saúde Pública dos Estados Unidos e do Canadá são os seguintes:

1. As Escolas de Saúde Pública deste País promovem seminários ou contam com outro meio de desenvolver o conceito de "trabalho em equipe" entre seus estudantes?
2. As Escolas de Saúde Pública deste País exigem que todos os estudantes sigam um determinado número de cadeiras?
3. A Escola favorece por algum outro meio a reunião regular de todo o corpo discente?
4. Existe algum plano pelo qual pequenos grupos constituídos pelos diferentes profissionais de Saúde Pública — em formação — se reunam para o estudo de problemas comuns?

5. Quem orienta essas discussões?
6. Qual o Professor que assiste a essas reuniões?
7. Esse tipo de atividade é avaliado para a nota final?
8. As enfermeiras de Saúde Pública fazem parte desses grupos?
9. Em que período do ano escolar se realizam essas reuniões?
10. Se não existe um plano geral da Escola para esse fim, a discussão em pequenos grupos é usada como método de ensino em determinadas Cadeiras?

ALGUMAS LIMITAÇÕES, PROBLEMAS E OUTRAS CONSIDERAÇÕES SÓBRE ESTE ESTUDO

Tendo o original deste trabalho sido escrito em inglês, a primeira limitação, evidentemente, foi a dificuldade de língua. A outra, relacionada com a situação de estudante estrangeira, foi a absoluta falta de conhecimento da organização das Escolas de Saúde Pública no País. As perguntas do questionário precisavam ser feitas de modo a formar sentido para todas as organizações possíveis, a fim de que a maioria deles não voltasse com um "não se aplica à nossa escola".

Ficou já implícito que um universo foi usado, e não uma amostra, isto é, a totalidade das escolas filiadas à Associação das Escolas de Saúde Pública dos Estados Unidos, incluindo Porto Rico e Canadá.

Outra limitação foi a impossibilidade de uma entrevista com o diretor da Escola ou a pessoa encarregada do programa de enfermagem de Saúde Pública, caso existisse tal pessoa, na qual entrevista todas as dúvidas pudessem ser esclarecidas.

Um questionário enviado pelo Correio, com uma carta explicativa, o que já representa uma limitação em si mesmo, foi o único instrumento de trabalho ao alcance. O problema da língua foi resolvido pela boa vontade de Miss Marion Murphy — orientadora deste estudo — que adaptou a redação das perguntas de modo a se tornarem compreensíveis e aplicáveis à maioria das Escolas de Saúde Pública. *

Sendo o universo que serviu a este estudo bastante limitado, foi apresentado ao Dr. G. W. Anderson, diretor da Escola de Saúde Pública da Universidade de Minnesota um questionário para uma espécie de pré-teste. Dr. Anderson, obsequiosamente, auxiliou no esclarecimento de algumas das perguntas e deu sugestões sobre a apresentação geral do questionário. Ele

* Veja o questionário no Apêndice.

se prontificou também a escrever aos seus colegas — diretores das escolas de Saúde Pública — uma carta de apresentação, explicando o objetivo do estudo, a qual, evidentemente, foi a causa do interêsse e máxima boa vontade que todos manifestaram em responder ao questionário. Nenhuma escola negou uma resposta qualquer.

Das treze escolas — abrangidas pelo inquerito, dez nos Estados Unidos, uma em Pôrto Rico e duas no Canadá — dez preencheram o questionário na forma em que foi enviado. Destas, quatro adicionaram uma carta explanatória, e cinco enviaram também o boletim da Universidade para maiores esclarecimentos. Das três restantes, uma respondeu a tôdas as perguntas em forma narrativa; outra mandou apenas uma carta com algumas informações sôbre seus cursos, e a última devolveu o questionário em branco, explicando em carta que êle não era aplicável à situação da escola.

De qualquer modo, 100% das respostas podem ser relatadas.

DEFINIÇÃO DE TERMOS

Existem algumas palavras que, por se tornarem muito comuns na linguagem corrente, têm o seu sentido de algum modo diluído ou confundido com o de outras. Por essa razão parece oportuno lembrar aqui o sentido exato de apenas duas palavras muito usadas em todo êste estudo, a saber, *equipe* e *seminário*.

Equipe — O dicionário de Webster dá para a palavra “team”, usada no original dêste trabalho e que é traduzida por “equipe”, vários sentidos, inclusive o de um grupo de pessoas associadas para um trabalho qualquer. Portanto, o sentido de “cooperação” está intimamente relacionado com essa expressão.

Seminário — O sentido em que a palavra é usada aqui é o de um método de trabalho que não é apresentado pelos nossos dicionários, mas está há muito generalizado nos nossos cursos universitários. É êsse o sentido que encontramos para a palavra “seminar” no dicionário de Webster: “pequeno grupo de estudantes numa universidade, empenhado em estudos superiores e em pesquisas originais, sob a orientação de um dos membros do corpo docente. A palavra é usada também para indicar o lugar em que êsse grupo se reúne”. Em algumas escolas, o nome de seminário é dado também para uma preleção ou conferência feita por um professor convidado de fora ao fim da qual é oferecida oportunidade para perguntas e discussão”.

O primeiro sentido dado pelo Webster é o que foi usado neste estudo — se bem que outros sentidos possam estar implicados na expressão, quando usada por aquêles que responderam ao questionário.

LITERATURA RELACIONADA

A busca de literatura para servir de base e ilustrar êste estudo foi de certo modo infrutífera. Uma lista sem fim de material indiretamente relacionado, livros e artigos — como por exemplo sôbre educação em enfermagem — pode ser encontrado, assim como sôbre a formação da enfermeira de Saúde Pública, se bem que não tão abundante.

É fácil também encontrar artigos que mostram o valor do trabalho em equipe para a enfermagem hospitalar, mas não é tão comum quando se trata da situação em Saúde Pública.

Em seu artigo "The Community Stake in the Professional Education of Health Workers" ⁴, Leone dá ênfase ao conceito de trabalho em equipe neste campo, mas está falando sôbre educação em geral. Ela diz: "É o trabalho em equipe que evita a fragmentação em todos os serviços, assim como na formação dos altamente treinados especialistas de nossos dias".

Um assunto diretamente relacionado com êste estudo que podemos citar aqui é a técnica de seminário — método educacional sugerido para reunir em grupos diferentes profissionais estudantes em escolas de Saúde Pública — com o fim de desenvolver o espírito de trabalho em equipe. Êsse tipo de seminário é descrito no livro de Cronkite ⁵. O autor diz que o seminário é o melhor método de ensino para estudantes de cursos pós-graduados. Êles têm aí uma oportunidade para descobrir e construir alguma coisa nova dentro de um determinado assunto. O princípio essencial é que o trabalho seja feito pelos estudantes. Naturalmente o professor tem a sua participação, que não é de modo algum menos importante ou mais fácil que nas outras situações de ensino. Na realidade, sua responsabilidade é ainda maior aqui. Um problema é apresentado, tópicos são distribuídos entre um grupo de estudantes. Êles fazem o trabalho de pesquisa, reúnem-se para estudo, pedem orientação quando necessário, chegam às suas conclusões e apresentam-nas ao resto da classe para discussão geral. Isto dá uma idéia melhor do que seja um seminário do que a definição anteriormente apresentada.

Literatura assim indiretamente relacionada com o assunto dêste estudo poderia ser abundantemente citada, mas pouco acrescentaria à melhor compreensão do problema.

Um artigo que se aproxima bem mais do que se deseja esclarecer aqui é o "Professional Training for Public Health", de Anderson ⁶. Depois de explicar o objetivo atual da Saúde Pública e a amplitude de seu campo, que abrange tantas disciplinas, exigindo o trabalho de tantos profissionais — o autor chama a atenção para o ponto mais importante, isto é, "que êles todos têm que trabalhar em conjunto para alcançar um fim comum. Êste princípio, continua êle, está tão bem estabelecido que dispensa defesa ou explicações. Mas tem sido muito pouco seguido no campo da preparação profissional para a Saúde Pública. Os profissionais são preparados

isoladamente — mas nós estamos todos conscientes de que nas instituições de Saúde Pública o pessoal precisa trabalhar em equipe. O médico-chefe, o inspetor sanitário, a enfermeira, o educador precisam se compreender e aceitar seus pontos de vista recíprocos, para o bom andamento do trabalho de toda a equipe. Assim como pudemos apreciar a enfermagem generalizada substituindo aquele tipo especializado dos primeiros tempos — estamos assistindo hoje ao desaparecimento daquela filosofia que divide os problemas de Saúde Pública numa série de especialidades isoladas que mantêm umas com as outras apenas relações de estrita cortesia... Se a família é uma unidade para o trabalho de Saúde Pública, ela não pode ser subdividida em situações isoladas, segundo os interesses de diferentes profissionais... Assim, o isolacionismo no preparo profissional deveria ser substituído por um sistema em que os vários grupos profissionais pudessem se fundir para a formação de uma equipe que fôsse treinada como um grupo, habituando-se a compreender os problemas uns dos outros, assim como os pontos de vista e a filosofia de cada um”.

Em sua alocução presidencial à Associação Americana de Saúde Pública (A. P. H. A.) Leavell⁵ também estuda o problema da preparação para o trabalho em equipe. Ele diz que a experiência de trabalho em conjunto não se adquire facilmente e comenta o fato de que a maioria das escolas do País tendem a viver mais ou menos isoladamente, oferecendo muito poucas oportunidades para o estudante desenvolver trabalhos com outros membros da equipe de Saúde Pública. Mas, diz ele, “as Escolas de Saúde Pública com representantes de tantas profissões em seu corpo discente, têm a melhor oportunidade para acabar com esse isolacionismo. Mesmo que o preparo básico e a experiência anterior dos estudantes sejam diferentes, e represente alguns problemas para o ensino o colocá-lo na mesma classe, é importantíssimo que tenham essa experiência de trabalho em conjunto no período acadêmico. Eles apreciarão assim desde logo, a importância do trabalho em equipe na Saúde Pública”.

O artigo do Dr. Anderson é de 1948 e representa uma fase já vencida nos Estados Unidos, como se poderá apreciar na seqüência deste estudo — apesar do Dr. Leavell estar ainda defendendo a mesma idéia em 1954. Mas essas sugestões são muito necessárias para o Brasil e creio que para qualquer outro país em que os esforços de preparação adequada de pessoal para a Saúde Pública ainda se acham em seus primórdios. Em nossa situação, porém, o problema não é apenas “isolacionismo na formação do pessoal”. O “conceito de trabalho em equipe” ainda não está tão “bem estabelecido” e certamente exige “defesa e explicação”.

RELATÓRIO DOS DADOS ENCONTRADOS

Como ficou explícito anteriormente, o objetivo geral deste estudo é verificar qual o melhor meio de integrar a enfermagem nas atividades dos outros profissionais numa Escola de Saúde Pública.

O questionário enviado a tôdas as Escolas de Saúde Pública dos Estados Unidos, Pôrto Rico e Canadá, teve o objetivo específico de indagar quais os cursos e experiências estabelecidos em seus currículos com a finalidade de desenvolver a filosofia do “trabalho em equipe” em Saúde Pública, e também procurar saber se a enfermeira de Saúde Pública era considerada como um membro dessa equipe.

Uma das escolas canadenses devolveu o questionário em branco com a explicação de que os cursos de enfermagem de Saúde Pública se desenvolviam na própria Escola de Enfermagem e não na Escola de Higiene. Entretanto, menciona intercâmbio entre as duas Escolas com referência a alguns cursos, promovendo assim o contacto dos vários grupos de estudantes, pelo menos para um conhecimento recíproco. Os cursos de medicina preventiva e laboratório de bacteriologia são dados às enfermeiras do curso básico pela Escola de Higiene, e os médicos candidatos ao diploma em Saúde Pública assistem a uma série de preleções e discussões em grupos sôbre o papel da enfermeira de Saúde Pública, na Escola de Enfermagem. Entretanto, não parece haver nenhuma dúvida em seu espírito quanto ao fato de a enfermeira pertencer à equipe de Saúde Pública.

Uma outra escola não devolveu o questionário, achando difícil responder às perguntas da maneira como foram formuladas — mas no decorrer da explicação mandada, algumas das respostas podem ser encontradas. Assim, foi ela incluída no cômputo geral, com um “sem resposta” para as perguntas não mencionadas.

Uma terceira escola usou uma forma narrativa em suas respostas, servindo-se para isso de fôlhas avulsas em vez do questionário enviado, mas tôdas as perguntas foram respondidas.

Em tais circunstâncias, apenas uma das escolas foi excluída do cômputo geral, sendo doze o número total de respostas a cada tópic.

1 Questão — A pergunta sôbre um grupo de matérias comuns a todos os cursos teve unanimidade de respostas afirmativas.

Quando se tratou de especificar essas matérias surgiu uma dificuldade. O boletim da universidade com uma explicação sôbre tôdas as matérias — ou outra fonte de informação — teria sido necessário para evitar a consideração de matérias com nomes um pouco diferentes mas referentes ao mesmo assunto, como cursos à parte. Algumas Escolas de fato, mandaram o boletim referido, mas foram apenas cinco. Assim, foi possível contar como Administração Sanitária um curso designado como Organização em Saúde Pública. Pareceram também estar relacionados com Administração Sanitária cursos com a denominação de Prática em Saúde Pública e Princípios em Prática de Saúde Pública, assim foram computados em conjunto. Consideramos certo contar em conjunto Saneamento do Meio e Ciência Sanitária, mas Engenharia Sanitária foi deixada à parte. Pudemos também encontrar afinidade em cursos designados por “Sociologia e Medicina Social”

aplicada à Saúde Pública e “Aspectos Sociais e Culturais da Saúde Pública”, como foi designado por outra escola. Mas sendo os nomes apresentados diferentes, foram contados em separado.

Por outro lado, a designação “Seminário em Saúde Pública” pode ter incluído aspectos bem diferenciados do programa, mas como tinham a mesma denominação, foram contados em conjunto.

QUADRO N.º 1 — Lista das matérias exigidas para todos os Cursos por uma ou mais Escolas de Saúde Pública dos Estados Unidos, Porto Rico e Canadá

Matéria	N.º de escolas
Administração Sanitária	12
Bioestatística	8
Epidemiologia	7
Saneamento	7
Educação Sanitária	5
Seminário em Saúde Pública	3
Engenharia Sanitária	2
Higiene Materna e Infantil	2
Nutrição	2
Higiene Ocupacional	2
Higiene Mental	2
Ecologia	2
Microbiologia	2
Sociologia e Medicina Social	1
Arte de falar em público	1
Tuberculose e doenças venéreas	1
Problemas da comunidade	1
Higiene escolar	1
Higiene fisiológica	1
Parasitologia	1
Enfermagem de Saúde Pública	1
Ciência Sanitária Básica	1
Aspectos Sociais e Culturais da Saúde Pública	1
Dinâmica de Grupo	1
Comportamento humano	1
Projetos de saúde da comunidade	1
Administração de pessoal	1
Administração Hospitalar	1

Com a consciência das limitações havidas neste cômputo, podemos verificar no quadro acima, que apenas quatro matérias são exigidas para todos os estudantes na maioria das escolas que responderam ao questionário, isto é, Administração Sanitária, Bioestatística, Epidemiologia e Saneamento.

II Questão — Sôbre outros tipos de reuniões regulares para todos os estudantes. Foi respondida da seguinte maneira:

Sim	8
Não	2
Sem resposta	2

Entretanto, uma das escolas que respondeu “não” assinalou “preleção seguida de discussão”, sem referência ao número de vezes (ver a pergunta no apêndice), e mencionou uma Sociedade de Higiene organizada pelos professores, a cujas reuniões regulares os estudantes também assistem. A outra que deu resposta negativa a essa pergunta, refere-se, na seguinte, a oradores de fora que fazem conferências para todo o corpo discente — havendo discussão no final. Assim, na realidade, dez das doze escolas têm alguma forma de reunião para todos os estudantes, além dos cursos exigidos.

Como se pode verificar no quadro seguinte, algumas das escolas têm mais de um tipo de reunião — do contrário o número total não poderia ir além de oito, que foram quantas deram resposta afirmativa a essa questão.

QUADRO N.º 2 — Tipos e freqüência de reuniões, para todo o corpo discente — exclusive os cursos comuns a todos

Tipo de reuniões	Freqüência das reuniões						
	3 vezes por semana	1 vez por semana	2 vezes por semana	Mensalmente	3 vezes ao ano	6 a 12 vezes ao ano	Sem especificação
Preleção	—	—	—	—	—	—	—
Preleção seguida de discussão .	1	2	—	1	—	1	2
Seminário	—	4	—	—	—	—	1
Outras	—	1	1	—	2	—	—

Nenhuma escola usa a simples preleção para esse fim, sendo mais comum a conferência seguida de discussão.

No item “outras” estão incluídas: sessões de projeção, atividades sociais, forum e conferência por oradores convidados não seguidas de discussão.

III Questão — Sobre qualquer outro plano segundo o qual os estudantes são divididos em pequenos grupos com representantes das várias profissões, para discussão de problemas. Onze das escolas responderam afirmativamente a essa pergunta e uma deixou em branco. Mas uma dessas respostas afirmativas é de uma escola que deu explicações sobre alguns cursos e outro tipo de trabalho realizado apenas pelas enfermeiras. Parece que a pergunta não foi clara para eles.

No espaço deixado para uma breve descrição desses planos ou atividades, encontra-se o seguinte: Algumas escolas descrevem espécies de

projetos desenvolvidos por grupos nos seguintes assuntos: Saneamento, Epidemiologia, Bioestatística e Ecologia. A escola que apresenta Enfermagem de Saúde Pública, como um curso exigido para todos os candidatos ao “Master” em Saúde Pública, usa para êsse curso, assim como para o de Educação Sanitária, o plano de dividir a classe em pequenos grupos com representantes de tôdas as profissões, para o estudo de problemas de Saúde Pública — com orientação do respectivo professor, sendo depois feita a apresentação a tôda a classe e aberta a discussão. Êsse tipo de discussão em grupo sôbre problemas relacionados com a enfermagem de Saúde Pública é mencionado também por outra escola que não exige a matéria para todos.

Outra escola ainda descreve um seminário semanal para o qual estudantes escolhem problemas sociais ou de saúde para estudo e apresentação. Cada estudante deve participar do seminário pelo menos duas vêzes, sendo uma como presidente e outra como membro do grupo. Os outros estudantes tomam parte na discussão das recomendações do grupo.

Em outras escolas, seminários semanais são parte de diversos cursos. O material referente a problemas comuns de Saúde Pública é distribuído a êsses grupos de estudantes, organizados da maneira acima referida, para ser estudado e discutido depois, sob a orientação do professor, diante dos outros estudantes.

Uma das escolas usa o método de discussão em grupo para o ensino de várias matérias, como: Dinâmica de Grupo, Comportamento Humano, Projetos de Saúde da Comunidade e Prática de Saúde Pública.

Êsses grupos para discussão de problemas de Administração Sanitária são referidos por nove escolas.

A maneira como membros do corpo docente participam dos trabalhos dêsses grupos de discussão é apresentada no quadro seguinte:

QUADRO N.º 3 — Representação de membros do corpo docente nos grupos formados por diferentes profissionais, para estudo de vários problemas

Membro da Congregação	N.º de escolas
1. Representante de cada um dos cursos incluídos no grupo de estudantes	2
2. Representante da Administração Sanitária apenas	2
3. Representante da Cadeira relacionada com o assunto do dia	3
4. Combinação dos anteriores	4
5. Sem resposta	1
Total	12

O item “combinação” geralmente se refere ao representante da Cadeira relacionada com o assunto em estudo e o da Administração Sanitária.

Uma escola respondeu “algumas vezes” para todos os casos e foi também contada no item 4. Foi também mencionado em vários questionários que, mesmo quando não assistem às discussões, os Professores colaboram como consultores.

Um estudante foi apresentado por cinco escolas como o líder da discussão e um professor por três escolas.

As outras responderam da maneira seguinte:

1. Discussão geralmente dirigida por um Professor, mas também o pode ser por um estudante, quando indicado.
2. O estudante dirige a discussão do problema em questão, assumindo o professor a liderança quando se trata de princípios gerais.
3. Um professor lidera discussão sobre Princípios e Práticas de Saúde Pública; os estudantes, quando se trata da aplicação desses princípios.
4. Um questionário apresentou o número 1 em frente a “Membro da Congregação”, o número 3 depois de “Estudante” e o número 2 depois de “Outros” — sem esclarecer a significação dos mesmos.

A pergunta que indaga se os estudantes recebem notas por essa participação em seminários teve resposta afirmativa em onze das escolas. E há grande probabilidade de que a única que não respondeu a essa pergunta siga o mesmo critério. Chega-se a essa conclusão porque tôdas as escolas se referiram ao fato de êsse método de trabalho ser usado no desenvolvimento de cursos comuns e muitas vezes também nos exigidos para todos.

Unanimidade absoluta é encontrada na resposta afirmativa sobre a participação da enfermeira nesses trabalhos de grupo.

A época do ano escolar em que se realizam êsses seminários varia entre as diversas escolas, assim como é também diferente a maneira de dividir o ano acadêmico. Algumas chamam cada período de “quarter” e têm três ou quatro durante o ano, outras dividem o ano em trimestres e outras ainda em semestres.

Como podemos ver no quadro adiante, há cinco escolas que usam o método de discussão durante o ano todo. São as escolas que o usam em várias matérias.

QUADRO N.º 4 — Época do ano em que se realizam os seminários

Época do ano	N.º de escolas
Ano todo	5
1.º semestre	2
2.º semestre	1
2.º, 3.º e 4.º trimestres	1
3.º e 4.º "quarters"	2
Sem referência	1
Total	12

IV Questão — Como as perguntas anteriores — tôdas referentes a um plano geral da escola, a fim de reunir estudantes pertencentes a diferentes profissões para um trabalho conjunto — foram respondidas afirmativamente pela totalidade das escolas, esta última questão, sôbre pequenos grupos de discussão usados em alguns cursos, poderia ser dispensada. Mas, mesmo assim, algumas escolas mencionaram outros cursos em que o método é usado.

Assunto	N.º de escolas
Administração em Enfermagem de Saúde Pública	2
Epidemiologia	2
Medicina Preventiva	2
Bioestatística	2
Saúde Escolar	1
Higiene Materna e Infantil	1
Microbiologia	1

Os seguintes comentários foram acrescentados a alguns dos questionários:

1. Uma sugestão sôbre como conseguir o desenvolvimento e a compreensão do trabalho em equipe, quando as enfermeiras não têm base suficiente para seguir alguns cursos junto com os médicos e outros estudantes dêsse mesmo nível. Mencionou-se uma experiência em que, nessas circunstâncias, o estágio prático, tanto em zona urbana como rural foi planejado para todo o grupo — com a finalidade de desenvolver êsse conceito — tendo havido excelentes resultados.

2. Como o questionário pareceu referir-se apenas a “cursos comuns” para uma das escolas — foi observado que, além desses, a enfermeira toma parte em muitos outros trabalhos de grupo.
3. Uma das escolas observou que, além de serem membros integrantes desses grupos referidos, em muitos dos cursos as enfermeiras se fazem representar também no corpo docente.
4. Outra comenta que a oportunidade para desenvolver o conceito de equipe é um dos principais elementos do “ativo” numa Escola de Saúde Pública.

SUMARIO E CONCLUSÕES

Sumário:

O presente estudo foi planejado com o objetivo de procurar qual a melhor maneira de integrar a enfermagem de Saúde Pública nos outros grupos profissionais numa Escola de Saúde Pública, a fim de desenvolver o espírito de equipe.

O motivo da escolha desse tema é que a pessoa que escreve encontrará essa situação em realidade, ao voltar à Escola de Saúde Pública de São Paulo — Brasil, onde, pela primeira vez, enfermeiras de Saúde Pública passarão a fazer parte do corpo discente em futuro próximo.

Um questionário foi preparado e enviado a todas as Escolas de Saúde Pública dos Estados Unidos, Porto Rico e Canadá. Alguma resposta foi recebida de todas elas. Apenas uma devolveu o questionário em branco, com a explicação de que a Escola de Enfermagem e não a Escola de Higiene dava os cursos de Saúde Pública para enfermeiras.

Achou-se que a maioria das escolas têm pelo menos quatro cursos exigidos para todos os estudantes, que são: Administração Sanitária, Bioestatística, Epidemiologia e Saneamento. Nove cursos mais são indicados por duas ou mais escolas como exigidos para todo o corpo discente da Escola de Saúde Pública.

A maioria das escolas conta com algum outro tipo de agrupamento regular de todos os estudantes, além dos cursos exigidos para todos, sendo o mais comum a conferência seguida de discussão, variando o número dessas reuniões de três vezes por semana a uma vez por mês. Seminários semanais são mencionados por quatro escolas.

Dez dentre as doze escolas usam o método de formar grupos com estudantes de todas as profissões, para estudo de algum problema de Saúde Pública. Geralmente é usado o método de projeto em que o grupo trabalha em separado e depois apresenta o resultado para toda a classe. Problemas de Administração Sanitária ou Princípios de Saúde Pública são apresentados por nove escolas como os mais comumente abordados nesses trabalhos. O

professor da matéria relacionada e um representante da administração sanitária estão presentes na maioria das vezes.

Cinco escolas apresentam os estudantes como líderes dessas discussões e três indicam um professor. As outras fazem uma espécie de combinação dos dois, isto é, o estudante dirigindo a discussão do problema em questão e o professor assumindo a liderança quando o assunto passa a princípios gerais.

Sendo o seminário usado como método de ensino em classes regulares, todos responderam que o estudante recebe nota por esse tipo de trabalho. Parece não ser mais objeto de discussão o fato da enfermeira ser um dos membros dessa "equipe". Todas as escolas, sem exceção, responderam afirmativamente a essa pergunta.

Cinco escolas desenvolvem esse tipo de trabalho durante todo o ano. São as que o usam como método de ensino para vários cursos. Duas têm as reuniões apenas no primeiro semestre e as que dividem o ano em trimestres ou "quarters" desenvolvem esse trabalho principalmente na segunda metade do ano.

Um comentário foi feito sobre o fato de a enfermeira tomar parte em trabalhos de grupo em muitos outros cursos além dos exigidos para todos os estudantes de Saúde Pública. Chamou-se a atenção para o fato de que a enfermeira faz parte não somente do corpo discente mas também do corpo docente na maioria dos cursos de Saúde Pública aplicada.

Outro comentário, que mencionamos com prazer para finalizar este sumário, é o de que a oportunidade para desenvolver o espírito de equipe é considerado como um dos principais elementos do "ativo" de uma Escola de Saúde Pública.

Conclusões e tentativa de recomendações:

1. As limitações dos dados obtidos com um questionário tão restrito como o que foi usado neste estudo são mais do que evidentes, mas mesmo assim, as informações obtidas serviram como guia para a realização dos nossos objetivos.

2. Existe acôrdo unânime sobre o fato de que Saúde Pública é um trabalho para ser realizado em cooperação pelos diferentes profissionais ligados a esse programa.

3. O conceito de trabalho em equipe implícito na afirmação anterior, não é nada que possa brotar espontâneamente, mesmo no terreno mais fértil, mas, pelo contrário, exige longo trabalho e experiência, antes que possa apresentar algum fruto.

4. A reunião de tantos profissionais nas Escolas de Saúde Pública oferece a melhor oportunidade para o desenvolvimento desse conceito através de experiência real.

5. Há concordância geral sobre a necessidade de algum tipo de atividade que reúna os representantes das diferentes profissões numa Escola de Saúde Pública, de modo que problemas com ela relacionados possam ser estudados sob todos os pontos de vista e uma solução conjunta possa ser encontrada.

6. Todas as Escolas de Saúde Pública neste estudo oferecem uma ou outra oportunidade para esse trabalho em conjunto.

7. Cursos exigidos para todos representam um dos meios de reunir os diferentes profissionais, sendo as seguintes cadeiras indicadas pela maioria das escolas: Administração Sanitária, Bioestatística, Epidemiologia e Saneamento.

8. A melhor maneira de desenvolver o conceito de trabalho em equipe, entretanto, parece ser a divisão da classe em grupos, com representantes de todas as profissões, para o desenvolvimento de um projeto ou um seminário. A maioria das escolas adota esse plano em algum período do ano acadêmico. Muitas, adotando o seminário como um método de ensino, usam-no durante todo o ano.

9. Sendo o seminário usado como um método de ensino, os estudantes devem receber notas por esse tipo de trabalho.

10. A enfermeira, definitivamente, é um membro da equipe de Saúde Pública nos Estados Unidos. Esse assunto não é mais objeto de discussão naquele país.

11. Como alguns líderes no campo da Saúde Pública estavam, não há muito tempo, protestando contra o isolacionismo existente na preparação do pessoal de Saúde Pública, parece seguro concluir que essa aceitação praticamente geral da adoção de alguma medida para desenvolver o conceito de trabalho em equipe, como se encontra agora nas Escolas de Saúde Pública dos Estados Unidos, Porto Rico e Canadá, é relativamente recente.

12. Este estudo dá apenas uma informação limitada sobre o estágio atual de desenvolvimento do conceito de equipe. Entretanto, seria muito interessante saber quais os problemas e dificuldades vencidas durante o processo de desenvolvimento desse conceito e quanto se demorou para chegar ao atual acordo geral sobre o assunto.

13. O objetivo geral deste estudo como se estabeleceu inicialmente, foi procurar saber como a enfermeira estava integrada nas atividades dos outros grupos profissionais nas Escolas de Saúde Pública dos Estados Unidos, Porto Rico e Canadá. A impressão dada pelas respostas aos questionários é a de que a enfermeira é, naqueles países, definitivamente, um membro da equipe, tanto quanto qualquer dos outros profissionais da Saúde Pública. Isto, naturalmente, é apenas uma suposição. Mas, sendo verda-

deira, o problema das escolas acima mencionadas é o de continuar a provêr a oportunidade para o desenvolvimento dessas relações de cooperação entre tôdas as profissões na Saúde Pública e não o de fazer com que a enfermagem seja aceita e integrada no todo.

14. Os profissionais da Saúde Pública no Brasil, até agora, estão realizando seu trabalho mais ou menos independentemente. Há grande necessidade de coordenação de esforços e o conceito de trabalho em equipe ainda não está suficientemente desenvolvido: são desejáveis, ainda, melhores relações entre as várias instituições, e mesmo princípios básicos de relações humanas — em algumas situações específicas.

15. A enfermagem é uma profissão bastante nova no Brasil, como foi afirmado anteriormente. Como enfermeiras de Saúde Pública serão incluídas pela primeira vez no corpo discente da Faculdade de Higiene e Saúde Pública de São Paulo, é oportuno oferecer através desta pesquisa dados baseados na experiência daqueles que têm sido os líderes nesse campo, facilitando o planejamento dêsse novo curso.

16. A oportunidade de reunir grupos com representantes das diferentes profissões para discussão ou desenvolvimento de um projeto, é boa não só para integrar a enfermagem no grupo total, mas para prover uma experiência real de trabalho em conjunto — de tal modo que cada um compreenda melhor a parte do outro e todos passem a aceitar-se mutuamente como membros de uma equipe que tem o mesmo objetivo a alcançar.

17. Foi sentido, por aquêles que planejaram a integração da enfermeira de Saúde Pública no corpo de alunos da Faculdade de Higiene de São Paulo, que o seminário seria a melhor técnica de trabalho para desenvolver o conceito de equipe. Êste estudo provou ser êsse um instrumento geralmente aceito e usado pelas escolas que responderam ao nosso inquérito.

18. Atenção deve ser dada ao planejamento de cursos em comum com o mesmo objetivo na Escola de Saúde Pública de São Paulo, porque até agora a reunião, na mesma classe de estudantes com preparo básico diferente, tem sido considerada um ponto fraco dessa organização escolar, admitida unicamente pela necessidade premente de economizar o tempo do professor. Essa seria uma excelente oportunidade para os alunos se reunirem desde o início do ano acadêmico, como uma fase preparatória para o trabalho em equipe a ser realizado nos períodos subseqüentes.

19. A oportunidade para apreciar a contribuição do outro grupo profissional para a solução em comum, de problemas de Saúde Pública, oferecida na situação de trabalho escolar que tem sido designado por “seminário”, contribuirá também para melhor entendimento entre essas profissões. E vamos levar em conta que a enfermeira de Saúde Pública, sendo em nosso País um elemento novo, poderá ser então melhor compreendida pelos outros profissionais da equipe sanitária.

20. Assim, o desenvolvimento desse tipo de atividade na Escola de Saúde Pública de São Paulo graças ao curso de Saúde Pública para enfermeiras, que deverá se iniciar em futuro próximo, representará uma excelente oportunidade para o desenvolvimento do conceito de equipe entre os profissionais de Saúde Pública e dará uma valiosa contribuição para o alargamento dos conceitos de Saúde Pública em nosso meio.

SUMMARY AND CONCLUSIONS

1. The limitations of the data obtained through such a short questionnaire as the one used in this study are most obvious, but even so, the information gathered will serve as a guide to the achievement of our purposes.

2. It is agreed unanimously that public health is a job to be done cooperatively by the different professional workers engaged in such a program.

3. The team work concept implied in the previous statement is not something that grows spontaneously, even from the most fertile ground, but demands long work and experience, before it can show any fruit.

4. The gathering of so many professional workers in the schools of public health provides the best opportunity for the development of this concept through actual experience with it.

5. There was also general agreement about the need for some kind of common activity to bring together the representatives of the different disciplines in the school of public health, in a way that public health problems can be studied from all points of view and a joint solution found.

6. All the schools of public health in the study group provide one or another opportunity for multidisciplinary work.

7. Required common courses represent one of the means of bringing all disciplines together, the following subjects being listed in the majority of schools: Public Health Administration, Biostatistics, Epidemiology and Environmental Sanitation.

8. The best way of furthering the team work concept, though, seems to be the division of the class into multidisciplinary groups for the development of a seminar type of project or some kind of committee project. Most of the schools have it included somewhere during the academic year. Many — using it as a teaching method for several courses — have the seminar used throughout the year.

9. Since the seminar is used as a teaching device, the students are given credit for it.

10. The nurse, most definitely, is one of the public health team in the United States. This is no longer an object of discussion.

11. As some leaders in the field of public health were not very long ago protesting against the isolationism existent in the preparation of public health personnel, it seems safe to conclude that this fairly general adoption of some provision to further the team concept, as it is presently found in the schools of public health in the United States, Puerto Rico and Canada, is somewhat recent.

12. This study gives only limited information about the present stage of the development of the team concept. However, it would be most interesting to know what were the problems and difficulties which were overcome during the process of development of this concept, and how long it took to get to the present general agreement on it.

13. The general objective of this study as it was stated in the beginning was to find out how nursing was integrated with the activities of other professional workers in the schools of public health in the United States, Canada and Puerto Rico. The fact that the findings show no special concern given to the nurses, leads to the conclusion that she really is one of the public health team as is any other public health student. This, of course, is only an assumption. So, the problem in the above schools is to continue to provide opportunity for the development of this cooperative relationship among all professions in public health and not only the one of making nursing integrated and accepted in the whole.

14. The public health workers in Brazil so far, are doing their jobs somewhat independently. There is a great need of coordination and the team work concept has to be developed here "from scratch", as do better communications among agencies and even basic principles of human relations — in some specific situations.

15. Nursing is a very new profession in Brazil as it was pointed out previously in this study. As public health nurses will be for the first time included in the student body of the School of Public Health at São Paulo, it seems very wise to try to start things on the right way from the beginning — using the experience of those that have been the leaders in this field.

16. The opportunity for the gathering of multidisciplinary groups for discussion or development of a project is good not only to integrate nursing with the others but, to provide the actual experience of working on a problem together — so everyone can understand better the part of the other and begin to accept each other as a fellow worker with the same aim.

17. It was felt by those who planned the integration of public health nurses into the student body of the School of Public Health at São Paulo, that the seminar type of class work would be the best for a multidisciplinary

group in order to develop the team work concept. This study proved it to be a generally accepted and usable tool in the schools of public health which participated.

18. Some attention has to be given to the planning of common courses with the same objective in the São Paulo School of Public Health because so far, the gathering of students with different background in the same class, has been considered a liability, permitted only because of the absolute need of saving the teacher's time. This should be a good opportunity for the getting together of the students early in the year as a preparatory phase for the team work to be done in the following periods.

19. The opportunity to appreciate the other professional groups' contribution to a common public health situation, as it is provided in the seminar type of work with a multidisciplinary group, will probably contribute toward a better understanding among those professions.

20. The promotion of some kind of interdisciplinary work in the School of Public Health at São Paulo, Brazil, by the public health nursing course to be started soon — will represent a unique opportunity to further the team work concept among our public health workers, and will provide a valuable contribution to the broadening of our public health concepts.

APÊNDICE

Questionário

Em resumo, estou interessada em conseguir informações sôbre dois pontos: (1) Que cursos ou experiências em seu currículo visam ao desenvolvimento do conceito de "trabalho em equipe" em Saúde Pública e (2) em seu ensino é a enfermeira de Saúde Pública considerada como um dos membros da equipe?

I. Exige a sua escola um grupo de matérias para todos os estudantes?

Sim Não

Enumere por favor os títulos dessas matérias ou o campo por elas abrangido:

.....
.....
.....
.....

II. a) Há reunião regular de todo o corpo discente com qualquer outra finalidade?

Sim Não

b) Assinale o que se aplicar à sua Escola:

frequência

Simple preleção

Preleção seguida de discussão

Seminário em que os estudantes apresentaram perguntas para discussão

Outros

III. a) Há em sua Escola um plano qualquer para divisão dos estudantes em pequenos grupos com representantes de tôdas as profissões — a fim de estudarem problemas comuns?

Sim Não

Se a resposta fôr afirmativa faça uma breve descrição do plano.

b) Em caso afirmativo, que membros do corpo docente participam?

— Representante de cada uma das profissões representadas no grupo

— Representantes da Administração Sanitária apenas

— Representante da Cadeira correspondente ao assunto em discussão no dia

— Combinação dêsses (descreva)

c) Quem geralmente dirige a discussão?

Professor Estudante Outros

d) Os estudantes recebem nota por êsse trabalho?

Sim Não

e) As enfermeiras de saúde pública fazem parte dêsses grupos?

Sim Não

f) Em que período do ano escolar se realizam êsses trabalhos?

1.º trimestre ou semestre

2.º trimestre ou semestre

3.º trimestre

4.º trimestre

Outro

IV. Se não existe um plano geral da Escola para êsse fim, pequenos grupos para estudo são organizados em algumas das cadeiras?

Sim Não

a) Se a resposta é "sim", quais são êsses cursos?

.....

b) Se a resposta é "sim", quem dirige as discussões?

Professor Estudante Outros

c) Se é "sim", qual o professor que assiste a essas reuniões?

— Representante de cada um dos profissionais existentes no grupo

— Professor responsável pelo curso.

— Representante da Cadeira correspondente ao assunto em estudo.

— Combinação dêsses (descreva)

V. Deseja acrescentar algum comentário?

.....

Se está interessado em receber um resumo dêste estudo assinale aqui

BIBLIOGRAFIA

1. Alcântara, G.: Nursing in Brazil. Amer. J. Nurs. **53**:576, 1953.
2. Anderson, G. W.: Professional training for public health. Canad. J. publ. Hlth **39**:11, 1948.
3. Cronkite, B. B.: A handbook for college teachers. Cambridge, Harvard University Press, 1951. p. 96-99.
4. Hanlon, J. J.: Principles of public health administration. St. Louis, Mosby, 1955.
5. Leavell, H. R.: Teamwork on the service of health. Amer. J. publ. Hlth **44**:1393-1401, 1954.
6. Leone, Lucile P.: The community stake in the professional education of health workers. Amer. J. Nurs. **53**:1215, 1953.
7. Parten, M.: Surveys, polls and samples. New York, Harper & Brothers, 1949.
8. Turabian, K. L.: A manual for writers of dissertations. Chicago, University of Chicago Press, 1956.